

# W2C

WORLD COMBAT CONFERENCE  
16 A 18 DE SETEMBRO

 EBOOK

**ATIRADOR DESIGNADO  
AEROTÁTICO. NO**

**W2C 2022**

**SANSONE**  
[MANAGEMENT]

NÜRNBERG MESSE

 **HIRIA**  
A NÜRNBERGMESSE BUSINESS

Promoção e organização

PALESTRANTE

# EDUARDO MAIA BETTINI



Agente de Polícia Federal desde 2001, foi integrante do Comando de Operações Táticas e da Coordenação de Aviação Operacional, atualmente lotado no Grupo Especial de Polícia Marítima da Delegacia da Polícia Federal de Maringá. De janeiro de 2019 a setembro de 2020 ocupou o cargo de Coordenador-Geral de Fronteiras do Ministério da Justiça e Segurança Pública, tendo ocupado também o cargo de Diretor de Operações Substituto e Coordenador-Geral de Combate ao Crime Organizado Substituto da SEOPI – **Secretaria de Operações Integradas**. Autor de vários livros, formado em Direito e Agronomia, com Licenciatura Plena em Biologia, Mestrado em Química do Solo e doutorando em Conservação de Florestas Tropicais pelo INPA – **Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica de Manaus/AM**. Possui diversos cursos operacionais, entre eles o Curso de Operações Táticas e o Curso de Atirador de Precisão – COT/PF; Curso de Operações Policiais Especiais; Curso de Atirador de Precisão, e Curso de Atendimento Pré-Hospitalar Tático Nível II, BOPE/PMERJ; Curso Expedido de Mergulhador Autônomo, Marinha do Brasil; Maritime Interdiction of Terrorism Course. Antiterrorism Assistance Bureau of Diplomatic Security U.S. Department of State; Curso de Capacitación em Técnicas Y Médios Especiales Para Extranjeros – GEO, **Cuerpo Nacional de Policía, Guadalajara, Espanha** e Estágio Básico do Combatente de Montanha – Exército Brasileiro.

# ATIRADOR DESIGNADO AEROTÁTICO.

*Eduardo Maia Bettini* >>

Nos primeiros meses de 2003 concluí o Curso de Operações Táticas do COT, o Comando de Operações Especiais da Polícia Federal. Na semana seguinte ao término do curso eu retornei à minha antiga lotação, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, para aguardar a Portaria de remoção para Brasília. O trâmite deveria demorar por volta de três a quatro meses. Todavia, fui surpreendido com um convite que me deixou extremamente honrado. Recebi uma ligação do então chefe da equipe de atiradores do COT, o APF Reinaldo, que me fez o convite para participar do CAPP, o Curso de Atirador Policial de Precisão. Historicamente, segundo ele, nenhum atirador havia sido escolhido durante o Curso de Operações Táticas. Era necessário, primeiramente, que o integrante da unidade concluísse o curso tático e atuasse por dois anos como integrante do grupo de assalto antes de se candidatar a uma vaga no curso de atirador. Eu aceitei imediatamente e me preparei para mais uma viagem.



*Brevê do curso desenvolvido pelo APF Harondo Victoriano Bunn, operador aerotático e aluno do curso.*

Na semana seguinte eu estava em Brasília, novamente sentado no auditório do COT, na condição de aluno de um curso. A aula inaugural foi ministrada por ninguém menos do que o “Gafanha”, abreviação de “Gafanhoto”, apelido que o precursor do COT ganhou por conta da sua aparência. Alto, esguio, com o corpo levemente arcado para a frente, braços e pernas longos e finos. Alberto Curi foi, indiscutivelmente, o maior nome do tiro de precisão policial nacional e o maior precursor da atividade. Grande parte da doutrina responsável por formar os primeiros atiradores policiais brasileiros emanou do COT e foi o próprio Gafanha quem buscou a doutrina nos Estados Unidos, desenvolveu sua própria metodologia e a consolidou na unidade que, mais tarde, difundiu esse conhecimento às outras unidades de operações especiais policiais e militares brasileiras, assim como às outras unidades de operações especiais da América do Sul. Com uma voz grave e um jeito caipira de falar que eu logo reconheci como sendo da minha região ou do interior de São Paulo, Gafanha disse:

*“Existe uma grande semelhança entre Deus e o atirador de precisão. Os dois não erram. Mas Deus perdoa, o atirador de precisão não...”*

E ele continuou falando e em cada palavra dita por aquele veterano eu sentia aumentar ainda mais minha responsabilidade. O seu discurso poderia ser resumido a uma só palavra: perfeição. O tiro de precisão é a busca incessante pela perfeição em todos os detalhes. Mesmo que seja impossível alcançá-la, ficou claro para mim que um atirador deve buscá-la a todo custo e que jamais poderia dar-se por satisfeito em relação às habilidades adquiridas ou achar-se bom o suficiente naquela atividade.



O curso aconteceu em duas semanas e neste curto período, o agrupamento dos meus disparos, usando um fuzil Remington 700 com uma luneta Leupold de 10x e munição LAPUA SCENAR (hollow point boat tail) 167grains, era de menos de  $\frac{1}{4}$  de MOA (Minuto de ngulo), o que significa um erro de menos de 0,75 cm em um disparo a 100 metros. Além de precisos, os disparos podiam ser “colocados” onde eu desejasse, com acurácia, em qualquer distância que estivesse no alcance da curva balística do meu fuzil, que nos era fornecida por um programa de computador. Utilizando cálculos físicos conseguíamos saber em quanto precisávamos regular as nossas miras (processo que chamávamos de “clicação”) para cima ou para baixo e, de acordo com o vento combinado com a distância ao alvo, poderíamos fazer também a compensação lateral da mesma. Tudo era incrivelmente matemático. Não havia segredo naquilo, nem tampouco alguma fórmula ou alquimia ocultas. Descobri que um atirador não possui super poderes, nem um dom especial. Assim que concluí o curso e iniciei a minha atuação como atirador de precisão, ou, na linguagem comum, um sniper, repeti muito do que me foi ensinado por alguns dos atiradores mais antigos e passei a colocar uma espécie de “pano preto” sobre aquele conhecimento. Por inúmeras vezes me exibí para meus colegas de trabalho, regulando (clicação) a mira dos seus próprios fuzis ao invés de ensiná-los a fazer, eles mesmos, aquilo. Mas, como atirador de precisão novato, havia aprendido que aquele tipo de conhecimento deveria permanecer como uma espécie de segredo de confraria, distante dos seres humanos normais, mesmo que estes caras fossem os integrantes da minha própria equipe e que deles pudesse depender a minha vida na próxima missão.

Mesmo sendo um policial ainda jovem eu já havia passado por situações, na minha lotação na PF de Corumbá, onde os conhecimentos do tiro de precisão teriam sido fundamentais para um desfecho mais seguro. Entretanto, naquele momento, eu era apenas um iniciante no mundo das operações policiais especiais e, como geralmente ocorre com os operadores inexperientes, minha concepção era extremamente tática e atrelada a protocolos e envelopes operacionais rígidos e inflexíveis.

Atualmente, com a vantagem de olhar o passado com a perspectiva do futuro, percebo como isso é, por definição, avesso a ideia de operações especiais como atividade não convencional, flexível, adaptável e integradora. Mas naquele tempo, deixei-me seduzir por aquela maneira de pensar, que elevava o conhecimento ao nível do sagrado, colocando-o em um altar onde se mantinha devidamente “impermeabilizado” aos demais operadores que não pertenciam àquele grupo restrito. Ao longo dos primeiros anos na atividade e conforme eu lapidava as minhas habilidades no tiro de precisão e as colocava à prova durante as constantes missões que cumríamos nas mais diversas regiões do País, passei a perceber que o assunto tiro de precisão era tratado como um tabu cuidadosamente cuidado e nutrido por nós mesmos, os atiradores.

A existência do atirador de precisão é condição essencial em um grupo tático, na medida que é empregado como uma das quatro alternativas táticas, quais sejam: negociação; uso de equipamentos de menor potencial ofensivo (menos letais ou não letais); tiro de comprometimento (atirador de precisão) e o grupo tático (assalto tático). A questão é que o discurso de que o atirador de precisão somente

pode existir em unidades de operações especiais e atrelado a um grupo tático deve ser analisada cuidadosamente. Concordamos que a atuação em situações específicas, como no caso de crises com reféns, onde possa haver a necessidade de um tiro de comprometimento, por exemplo, seja exclusiva de um atirador de precisão que seja integrante de uma estrutura maior dentro de um grupo tático. Contudo, existe uma gama de outras situações policiais, onde são necessários os conhecimentos do tiro de precisão de maneira intermediária, podemos assim dizer. Nem todas as ocorrências que demandam o tiro de precisão se resumem a uma crise com reféns. A possibilidade de utilizar um atirador de precisão com treinamento, arma, munição e doutrina de emprego específicos que possibilitem a difusão e disponibilização desta capacidade tática a outras unidades, sejam especializadas ou convencionais, tem o poder de salvar vidas futuramente, já que não podemos fazê-lo em prol dos muitos que já morreram pela falta desta capacidade operacional em nossas pontas de lança da segurança pública no Brasil.

Em um exercício simples de prospecção de cenário diante da realidade da segurança pública brasileira, podemos perceber a importância da difusão desta doutrina. Peço ao leitor que imagine a ação de uma quadrilha de assaltantes de banco na modalidade conhecida como “Novo Cangaço” ou “Domínio de Cidades” em um município de médio porte como o ocorrido no caso de Criciúma, em Santa Catarina. Imagine que nesta cidade não haja uma unidade de operações especiais, mas que conte, por exemplo, com uma unidade do choque da polícia militar, com uma delegacia da polícia federal ou com uma especializada da polícia civil. Em caso de confronto com os criminosos, a presença de



um atirador designado policial em uma equipe proporciona a capacidade de se executar disparos com precisão a uma distância maior, o que seria essencial para que as forças policiais mantivessem algum tipo de vantagem em uma situação tão complicada e complexa como esta hipotética (mas que acontece frequentemente em nosso País) apresentada.

Foi justamente observando isso e percebendo esta lacuna que desenvolvemos, a partir do ano de 2010, o conceito do Atirador Designado Policial. Na época eu estava lotado na CAOP, a Coordenação de Aviação Operacional da PF. O chefe de operações era o delegado Carlos Afonso Gomes Coelho e, no início de 2011, havíamos programado uma série de intercâmbios com unidades de operações especiais militares norte americanas, através de contato com o militar oficial de ligação do país na embaixada dos EUA no Brasil. Essas espécies de intercâmbios operacionais de especialistas, em inglês “SMEE” – Subject Matter Expert Exchange, foram essenciais para a evolução dos nossos conceitos sobre os denominados TTP’s, técnicas, táticas e procedimentos que adotávamos. Além disso, influenciou nossa metodologia de treinamento, os nossos equipamentos e o próprio conceito de operações policiais especiais. Desta forma, construímos um novo modelo de atuação fundado na vocação tática da unidade, ou seja, as operações de interdição aerotática e buscando nos afastar do conceito antigo de unidade de transporte aéreo de pessoal e material. Além desses eventos, que se estenderam de 2011 a 2014, uma viagem do Afonso aos EUA onde realizou um curso em Fort Benning<sup>2</sup>, foi essencial para a formação da nossa convicção a respeito dos rumos que a atividade de tiro de precisão deveria tomar em nossa unidade.

Um desses SMEE's aconteceu em agosto de 2011, em Brasília. Para o evento, convidamos algumas outras unidades de helicópteros, entre elas o HSC 84, Helicopter Sea Combat Squadron da Marinha dos EUA e o SAER/CORE/PCERJ, o Serviço de Operações Aéreas da Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil do Rio de Janeiro comandada, à época, pelo piloto policial de helicópteros Adonis Lopes de Oliveira. Participaram desse intercâmbio policiais federais da Caop, operacionais da Core e do BOPE do Rio de Janeiro e um grupo de Navy Seals da chamada Unidade 4. Ocorre que um dos especialistas norteamericanos era um sniper de uma unidade SEAL e conversamos muito a respeito das possibilidades de se realizar um disparo de precisão embarcado em uma aeronave. Até então havia uma grande discussão entre os especialistas brasileiros, e a corrente majoritária, da qual não fazíamos parte, apregoa-va a impossibilidade desse tipo de disparo a partir de uma plataforma aérea.

Em uma oportunidade, durante um dos intervalos do intercâmbio operacional, conversávamos eu, Adonis e Afonso sobre metodologias de emprego da equipe de operadores aerotáticos e de aeronaves, que pudessem reduzir o risco durante as ações consideradas de alto risco. A CAOP já havia perdido em 2003 um operador, o APF Klaus, em uma dessas ações, durante uma ação de repressão ao roubo a bancos no município de Pilão Arcado, na Bahia, e retomou a atividade em ações dessa natureza apenas em 2008 com a incorporação de procedimentos de guia aéreo avançado trabalhando junto às equipes de solo em proveito das

<sup>2</sup>Centro de treinamento de excelência do Exército Americano de Fort Benning



aeronaves. Adonis perguntou se não era possível realizar disparos de precisão do helicóptero e eu disse que acreditava que isso fosse possível sim. A questão, no meu entendimento, era que havia uma grande confusão no cenário da segurança pública brasileira, sobre o tiro de precisão. O problema era que tudo que levasse o nome de precisão era enquadrado, de uma maneira absoluta, como o tiro de comprometimento e, dessa forma, precisaria estar atrelado a um grupo de assalto tático que deveria operar de acordo com um conceito reducionista de operações policiais especiais. Expliquei ao Adonis que, como atirador de precisão, eu já havia passado por incontáveis situações onde eu havia aplicado os meus conhecimentos e executado a minha função de atirador, que pode ser resumida na tríade observar, proteger e neutralizar. Então o Afonso explicou sobre a doutrina do atirador designado que ele havia conhecido nos Estados Unidos e concluiu que o próprio nome seria interessante porque não haveria confusão com o atirador de precisão. Achei a ideia excelente e me pareceu que poderíamos construir uma “via do meio” para o tiro de precisão brasileiro onde nem tudo seria simplesmente enquadrado como tiro de precisão, poderíamos ter um “meio termo de ouro” No período que eu havia passado no BOPE/PMERJ, seja como aluno do COESP, seja realizando operações conjuntas ou como convidado da unidade, foi essencial para o desenvolvimento desta linha de raciocínio. Um dos maiores expoentes da atividade do tiro de precisão nacionais, o Sgt Rocca, costumava dividir a então indivisível atuação do atirador de precisão em duas espécies. Segundo ele havia o sniper interno, que era aquele policial inserido no contexto de uma patrulha, que atuava a partir dela e com a perspectiva de um integrante da mesma. E havia o sniper externo, que atuava deslocado do grupo, geralmente se posicionan-

do a distâncias maiores e com a missão de proteger a patrulha em seu deslocamento ou durante o “alto-guardado”. A atuação do sniper externo me era familiar pois eu havia aprendido, no COT, que o atirador era o responsável por proteger a equipe de assalto tático durante o deslocamento da UPCA<sup>3</sup> ao PFA<sup>4</sup>. Entretanto, a ideia de um atirador dentro da patrulha me pareceu, inicialmente, um conceito antagônico à ideia do atirador de precisão em si. Com o tempo e com a minha atuação como atirador de precisão “interno” nessas patrulhas do BOPE, percebi que não havia antagonismo algum. Ao contrário, o que havia ocorrido, naquela época, é que o meu conceito sobre a atuação do atirador de precisão era desnecessariamente rígido. Dessa forma estávamos enrijecendo a atuação do atirador de precisão e limitando as nossas possibilidades.

Por fim, expliquei ao Adonis que era sim possível realizarmos um tiro mais preciso a partir do helicóptero utilizando a doutrina de atirador de precisão. O Afonso relatou sua experiência em Fort Benning e a doutrina do Atirador Designado, que seria justamente uma espécie de atirador de precisão “ponderado” pela necessidade operacional. O Atirador Designado era justamente um atirador que se utilizaria do conhecimento do atirador de precisão em proveito de missões que necessitam de um tiro mais preciso, contudo, sem se alcançar a situação extrema de um disparo de comprometimento, resgate de reféns ou algo neste nível

<sup>3</sup>Última Posição de Coberta e Abrigo – é o local, próximo ao aparelho que será assaltado, onde a equipe tática está oculta das vistas dos provocadores do evento crítico (PEC), ou seja, coberta, e também abrigada, ou seja, protegida dos fogos (disparos) dos PEC.

<sup>4</sup>Ponto Final de Assalto – é o local onde a equipe tática se posiciona antes do adentramento ao aparelho assaltado.

extremo. Por sua vez, o Afonso levantou a necessidade de formarmos e empregarmos atiradores designados para a atuação a partir da aeronave (interno) e também avançados no terreno, ou seja, em proveito da aeronave (externos), complementando as capacidades dos Guias Aéreos Avançados da unidade, idealizados a partir da adaptação do conceito de emprego dos FAC (Forward Air Controller), amplamente utilizados pelas operações especiais dos EUA. Adonis gostou da ideia e ofereceu a logística de aeronaves do SAER no RJ para a realização do curso. Por sorte, a unidade estaria recebendo, em alguns dias, fuzis Armalite AR 10 de precisão, equipados com lunetas Leupold. Só precisávamos das munições. Solicitei o apoio para a CBC – Companhia Brasileira de Cartuchos que nos forneceu um lote de munição Sellier & Bellot que eles haviam acabado de importar, a custo zero e a título de testes, pois destinaríamos vagas para integrantes de várias forças e, certamente, a empresa brasileira se interessou em demonstrar a qualidade das munições de precisão que, na época, estavam importando. Foram oito mil cartuchos. Com uma ideia e com os meios logísticos necessários: fuzis, munição de precisão e helicópteros, só precisávamos do “ciente e autorizo” do chefe da CAOP, à época.

Aproveitamos o encerramento do SMEE e planejamos uma demonstração da capacidade do atirador designado aerotático realizar disparos relativamente precisos a partir do helicóptero como plataforma de tiro. Na época havia um fuzil de precisão no SAT – Serviço de Armamento e Tiro da ANP – Academia Nacional de Polícia. Solicitei o equipamento ao chefe do setor, à época o APF José Roberto e ele nos disponibilizou o HK PSG-1 calibre 7,62 X 51mm. Aproveitei um intervalo durante o SMEE e cliquei o equipamento a 100

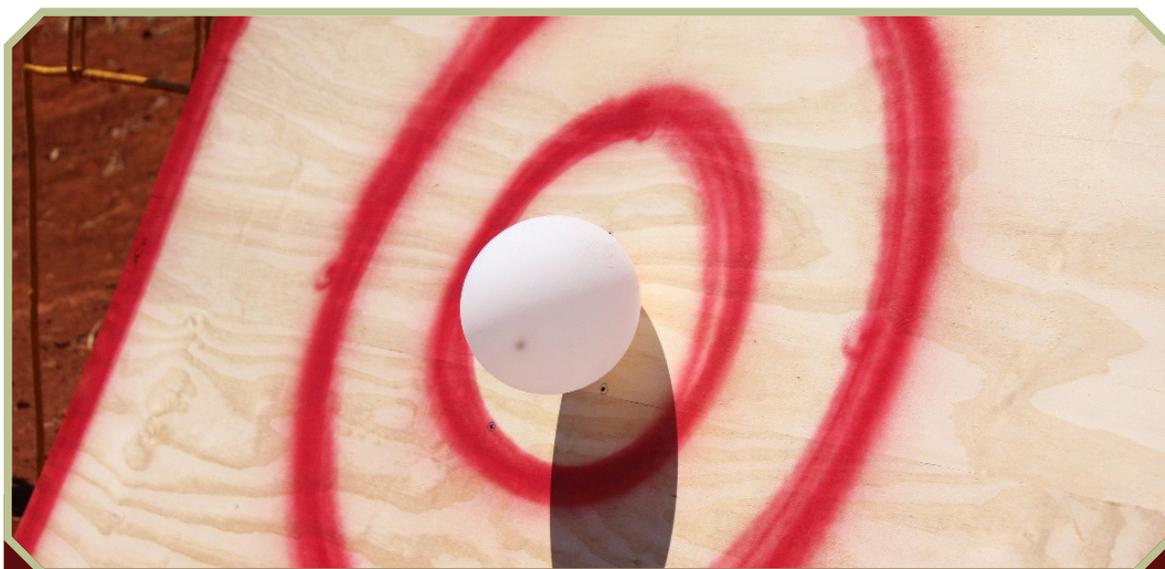
metros no próprio estande de tiros do SAT. No solo, fizemos marcações a 100, 200 e 300 metros onde o helicóptero realizaria voo pairado e de onde eu realizaria os disparos. Utilizamos uma folha de compensado como suporte dos alvos e, com um spray de tinta vermelha fizemos dois círculos concêntricos, um menor e um maior, no centro da folha retangular de compensado (madeirite). Em cada uma das quatro extremidades da folha de compensado também fixamos balões. O encerramento do curso estava previsto para aquela mesma tarde e tínhamos pouco tempo.

O helicóptero pousou no próprio estande. Era um esquilo, o Caçador 09 e os pilotos eram o EPF Dário e o APF Alberto da própria CAOP. O sniper SEAL me ajudou a encontrar a melhor posição de disparo e acabamos por escolher uma posição deitado na barca do esquilo. Nos bancos seguiram o operador aerotático da CAOP, um mariner que era o oficial de ligação da Embaixada Americana para o intercâmbio, Chris Clark, e o sniper SEAL.

As autoridades chegaram e o DPF Afonso veio até a aeronave. Indagou se estava tudo pronto e nos alertou que aquela seria, literalmente, uma oportunidade de um tiro só. O coordenador da CAOP, o DPF Rubens Maleiner e o diretor da ANP não poderiam ter dúvidas da possibilidade de se executar um tiro relativamente preciso a partir da aeronave. Este convencimento seria passo fundamental no sentido de viabilizarmos a realização do primeiro Curso de Atirador Designado Aerotático no Brasil.

O Caçador 09 decolou e o operador aerotático mantinha a comunicação com o Afonso, que acompanhava as demais autoridades presentes, a poucos metros do alvo que eu

deveria atingir. Seria ele quem daria o comando do início dos disparos. O helicóptero pairou sobre a marcação de 100 metros do alvo e o operador me passou a altura que estávamos do solo, cerca de 200 pés. Pela luneta fixa de 6x do PSG-1 tentei estabelecer um padrão de vibração do helicóptero e dos movimentos que ele fazia, percebi que se eu não procurasse “correr atrás do alvo”, era normal que o balão passasse bem próximo ao centro do retículo do fuzil. Ajustei o apoio do fuzil na barca do helicóptero, retirando o “sand bag” e colocando o guarda mão sobre a minha mochila, o que deixou o armamento mais estável, para a minha surpresa.



*Balão no centro do alvo de compensado com círculos concêntricos vermelhos.*

Assim que o Afonso autorizou a realização do disparo eu aguardei o momento ideal e em dois ou três segundos eu apertava o gatilho. Antes da resposta de que o alvo havia sido “abatido” pelo rádio eu já me sentava na barca para descansar da posição incômoda pois sabia que o disparo havia sido certo. O helicóptero então pairou sobre a marcação de 200 metros e repetimos a mesma operação.



*Alvo posicionado no estande da SAT/ANP.*

Mais um balão destruído. Finalmente, o piloto nos posicionou acima da marcação dos 300 metros e faltava pouco para abrirmos as portas à doutrina do atirador designado policial na Polícia Federal.

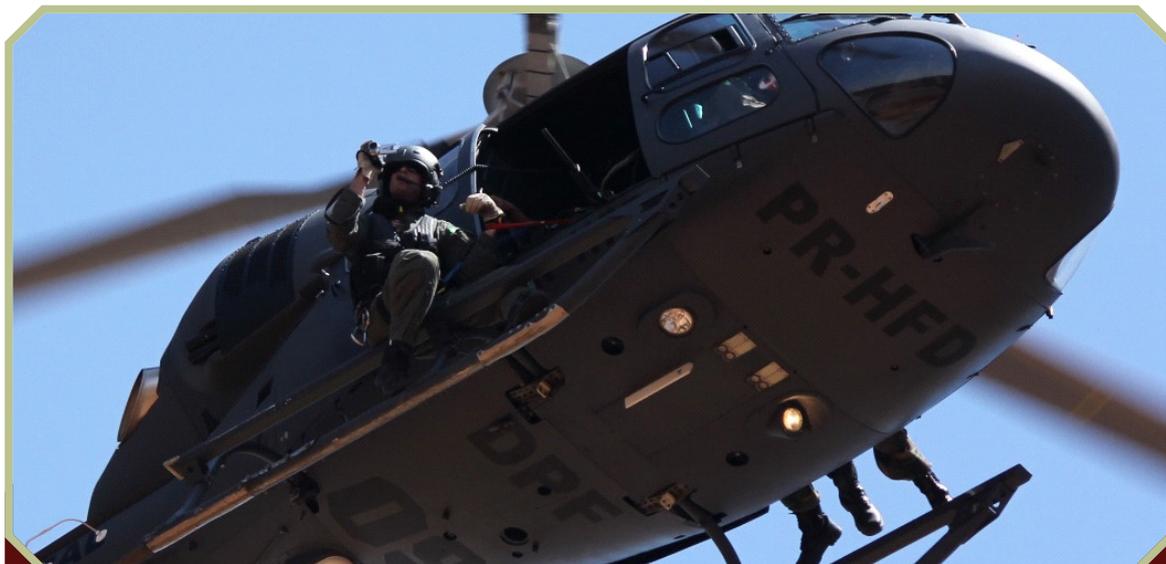
Me concentrei ao máximo e escolhi atirar no balão do centro do alvo. Um disparo e um

balão destruído. Pelo rádio, o Afonso deu os parabéns e solicitou que pousássemos. Assim que o fizemos ele me avisou que o coordenador da CAOP havia autorizado a incorporação da atividade na unidade e a preparação de curso específicos, o que viria a acontecer no ano que seguinte, no SAER, no Rio de Janeiro.



*Momento da checagem dos disparos no alvo.*

Naquele dia mesmo, após o término do SMEE com os norte-americanos e demais unidades, iniciamos o planejamento do primeiro CADAER – Curso de Atirador Designado Aerotático, e, em preparação para o ciclo de grandes eventos que o Brasil receberia, em março (acho que foi junho) de 2012 estávamos viajando para o Rio de Janeiro onde o curso seria realizado.



*Momento da realização dos disparos. Na porta do helicóptero pode ser visualizado o cano do HK PSG1. No esqui do helicóptero, na parte de fora, o operador aerotático filmando as disparos.*

O quadro de disciplinas foi o mais simplificado e enxuto possível, pois não queríamos perder tempo com detalhamento excessivo dos planos de disciplina, justamente para não perdermos tempo com questões burocráticas. Foram apenas seis disciplinas: Orientação e Navegação Terrestre – ONT; Rádiocomunicação; Tiro Designado Terrestre em Operações Aerotáticas; Tiro Designado em Plataforma Aérea; Tiro Designado Noturno e Apoio Aerotático com Emprego de Armamento Especial de Apoio. Tomamos o cuidado de retirar a palavra precisão ou qualquer menção a ela, justamente porque não queríamos que houvesse confusão entre a doutrina do tiro de comprometimento ou da atuação do sniper em um resgate de reféns com a ideia mais generalista do atirador designado.

Ao longo de três semanas, os alunos do CADAer receberam as instruções teóricas do tiro de precisão e foram treinados a realizar disparos precisos a uma distância de até 600 metros sendo que, na doutrina de emprego do atirador designado, fixamos como parâmetro operacional a distância de 300 metros, dada a baixíssima probabilidade de realização

de disparos em ocorrências policiais corriqueiras acima desta distância, assim como a pequena influência de fatores climáticos como o vento neste limite de distância. Além desse conhecimento, foram passados os procedimentos básicos e de segurança para a realização dos disparos a partir da aeronave.



*Instrução de conhecimentos técnicos do helicóptero com o piloto policial Adonis Lopes de Oliveira.*

Participaram do primeiro curso de atirador designado operadores do GRUMEC e do Batalhão Tonelero, da Marinha do Brasil, do BOPE/PMERJ, das Forças Especiais do Exército Brasileiro, da CORE da PCERJ, do SAER/CORE/PCERJ e da CAOP/PF, tendo sido essencial o apoio do GAM/PMERJ. O exercício final do curso foi um exercício simulado de abordagem utilizando os helicópteros do SAER e do GAM e embarcações do GRUMEC e do GAM, a um navio de grande porte onde foram empregados vários times de alunos Atiradores Designados Aerotáticos.

Com a realização do CADAer surgiu a oportunidade de, finalmente, levarmos a outras unidades especializadas a



*Instrução de tiro de tiro de precisão com os instrutores do BOPE/PMERJ  
Sargentos Rocca e Vargas.*

capacidade operacional do tiro de precisão. Entre o ano de 2012 e 2015 realizamos mais dois cursos de atirador designado na Polícia Federal. O CADMar – Curso de Atirador Designado Marítimo, voltado a policiais que trabalham em unidades marítimas, fluviais e lacustres, com foco na atividade ribeirinha e o CADP – Curso de Atirador Designado Policial, focado em operações terrestres. Para a realização dos cursos seguintes foi essencial o comprometimento do então chefe do SAT/ANP, o delegado da polícia federal, Martin Bottero Purper. Abordaremos a história do CADMar e do CADP nas próximas edições.

Recentemente a ROTA da PMSP introduziu a doutrina do atirador designado policial, realizando um curso e iniciando, de maneira precursora, a atividade na instituição. Ganha a Polícia Militar do Estado de São Paulo e ganha, principalmente, a sociedade que passa a contar com essa capacidade operacional nas unidades que operam nas chamadas pontas de lança da segurança pública nacional, possibilitando a observação do cenário operacional de maneira detalhada e minuciosa, com capacidade de neutralizar de



*Instrução de tiro de tiro de precisão com os instrutores do BOPE/PMERJ Sargentos Rocca e Vargas.*

modo preciso e cirúrgico e com segurança, ameaças a distâncias consideradas intermediárias (de 50 a 300 metros).

Nem sempre quem está no trabalho cotidiano pode se dar ao luxo de simplesmente aguardar que uma unidade específica que monopoliza determinada capacidade técnica e os meios necessários para o seu emprego, atue.



*Treinamento de Fast Rope com os alunos.*

É essencial revermos conceitos e ampliarmos as capacidades operacionais daqueles que estão no front, na batalha diária, no combate diuturno e que estão perdendo uma oportunidade vital de elevar a superioridade relativa proporcionada pelo emprego do Atirador Designado.



*Instrução noturna de armamentos diversos, no caso uma MAG calibre 7,62 X 51mm com coronha aeronáutica.*

Tratar o assunto tiro de precisão através da estratégia do “tudo ou nada” e do “8 ou 800” é cômodo para aqueles que não se expõem à fustigante realidade das ruas e das operações. É ainda pior quando a doutrina do gerenciamento de crises é utilizada para se garantir o “pano preto” e a política segregacionista sobre o acesso aos equipamentos, capacitações, técnicas e procedimentos a quem deles precisa.

Como dissemos acima, existe um “meio termo de ouro” que concilia a segurança dos profissionais que estão no trabalho operacional de campo e a doutrina do gerenciamento de crises voltada para o emprego extremo de unidades táticas.

Ao final, deve prevalecer o interesse público de se proporcionar à população o acesso a melhores serviços por parte das instituições policiais. >>



*Instrução de tiro a 300 metros.*



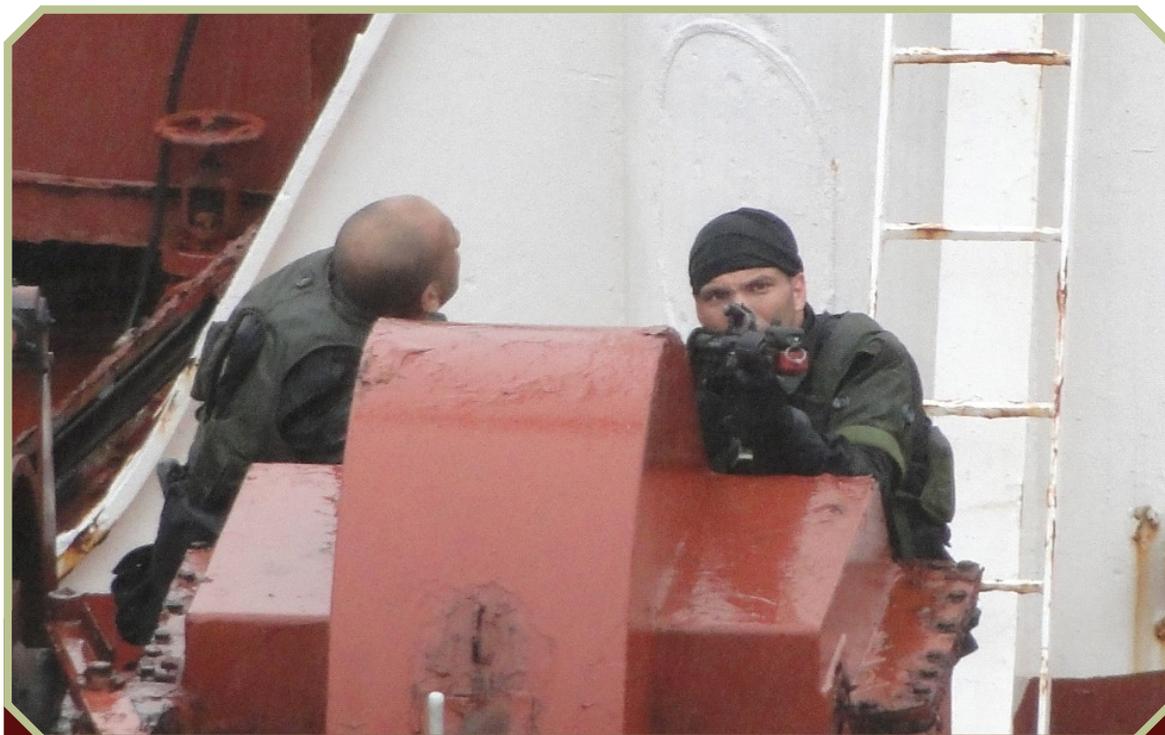
*Treinamento Físico Policial – TFP, na escadaria ao lado do Clube Fluminense, no Bairro Flamengo, Rio de Janeiro.*



*Posicionamento do aluno na barca do esquilo do GAM pouco antes da aula prática de tiro designado a partir do helicóptero.*



*Alunos preparados para o exercício de infiltração noturna.*



*Alunos posicionados no exercício final do tipo "force on force".  
No detalhe o equipamento laser no fuzil do atirador.*



**W2C**

WORLD COMBAT CONFERENCE

16 A 18 DE SETEMBRO

**EM SETEMBRO, VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO PARA PARTICIPAR DO *MAIOR EVENTO DE COMBATE URBANO DO MUNDO, O W2C.***

Se você ainda não conhece o W2C, Nós vamos te apresentar. O W2C é um evento voltado para:

***Atiradores, Instrutores, operadores de Forças Especiais, Policiais, Forças de Segurança e entusiastas do tema.***

Acredite ou não, o **MAIOR EVENTO DE COMBATE URBANO DO MUNDO, ACONTECE NO BRASIL!**

A edição deste ano acontecerá de 16 a 18 de Setembro em Itu/SP na Base Armalite e contará com diversos instrutores e clínicas. Vamos ter veterano do NAVY SEALS e LEGIÃO ESTRANGEIRA, tem COMANDANTE do BOPE RJ, tem muitos operadores da POLÍCIA FEDERAL, operadores de grupos de OPERAÇÕES ESPECIAIS da Espanha, consultor da OTAN e até o **ROYCE GRACIE** como *instrutor, pra citar apenas alguns*

***A lista é extensa. >>>***

SE VOCÊ QUER SABER MAIS SOBRE ESTE EVENTO,

**ACESSE**

**W2C.PRO.BR**

veja as clínicas, instrutores, palestrantes e tudo  
que você precisa saber sobre o maior encontro de

***Combate Urbano do Mundo!***



**W2C**

WORLD COMBAT CONFERENCE

16 A 18 DE SETEMBRO



**W2C**

**WORLD COMBAT CONFERENCE**

**16 A 18 DE SETEMBRO**

Promoção e organização

**SANSONE**  
[MANAGEMENT]

NÜRNBERG / MESSE

